



O desejo e a sedução do tapete oriental antigo

*Tapete, 2021, 240 x 160 cm, acrílica e
esmalte sobre tecidos variados*

O primeiro trabalho que fiz a partir dos retalhos foi o *Tapete* em 2019, nele e em outros que se sucederam construí imagens que se assemelham às de tapetes orientais - principalmente iranianos, turcos, caucasianos e turcomenos – buscando uma aproximação com um imaginário fortemente atrelado ao desejo. Seja por vias materiais de consumo, onde tapete oriental figura enquanto um símbolo de opulência e suntuosidade; ou por uma valorização mais próxima do fetichismo, na qual o trabalho manual e as excessivas horas para produzir uma peça fazem-na adquirir outro tipo de valor.

Tal desejo, materializado em objetos, transforma e projeta esta ânsia pela ascensão não apenas enquanto uma expectativa para si, mas para o próximo, visto que os tapetes eram muitas vezes apresentados como sinal de desejo por um futuro próspero. O tapete em si estaria enquanto objeto de desejo e também como materialização e projeção de um desejo maior.

Estas duas formas de desejo que o tapete carrega se associam a ideia que Emily Apter apresenta em *Feminizing the Fetish* (1991) sobre as aproximações da *ideologia* com o *fetichismo*, a partir das discussões entre Karl Marx e W. J. T. Michell. Ambos os termos representam falsas imagens, com a forte conotação de "ídolo da mente" ou "ídolo do mercado" - ídolo no sentido daquilo a que se louva, ou se se deseja alcançar. Em algum nível, esses "ídolos" se tornam indistinguíveis, e as commodities que carregam esse valor oculto passam a se espelhar umas às outras, espelhando assim seus "ídolos" de ilusão. Tal commodity se tornaria então um simulacro degradado ou uma falsa representação de tais "ícones".

Apesar dos trabalhos que estamos abordando aqui serem objetos contemporâneos, sua forte alusão ao objeto antigo torna imprescindível a discussão sobre este tema. Me pergunto qual seria a influência do imaginário que temos do *objeto antigo* sobre a significação destes trabalhos. Bem como de que maneira essa relação atuaria sobre os assuntos até aqui discutidos: o desejo, a sedução e a presença do espectador enquanto elementos chave para a valoração simbólica e material de um trabalho de arte. O tapete oriental antigo, para além do significado cultural e histórico que carrega, é um bom exemplo de *objeto antigo*, apresentando diversos elementos característicos da categoria, mas principalmente: *obsessão pela autenticidade e nostalgia das origens*.

O objeto antigo, como uma relíquia, teria uma inscrição simbólica sob um círculo fechado em um tempo "perfeito", como afirma Baudrillard, visto que o passado se fecha em si - em *O Sistema dos Objetos* (1973). Exime-se de qualquer tipo de exigência de leitura, nada

no tempo presente é capaz de mudar sua especificidade vivida. O objeto antigo é visto no presente como se tivesse existido em outros tempos, e por esse motivo se encontra fundado sobre si, configuração que garantiria sua autenticidade.

Dois elementos fortemente atrelados à sua existência em um fechamento temporal são justamente a *obsessão pela autenticidade* e uma *nostalgia das origens*. Tendemos a dar um valor singular ao objeto antigo visto que estas características despertam em nós uma espécie de regressão narcisista e um suposto domínio do nascimento e da morte. Ao ponto em que deste objeto emana um fantasma de um núcleo de realidade que carrega consigo uma consciência total, e nos deslumbramos com a possibilidade de estar frente a um fenômeno do tipo.

No caso das obras *Tapete (2021)* e *Vaso com flores (2021)* - bem como em outros trabalhos que se aproximam dessa leitura - no entanto, esse valor simbólico se dá como simulacro. Enquanto tentativa de representar a representação de um desejo anterior, desejo este que se realiza pela iminência de um detalhe, através do qual nos aproximamos desta noção de algo maior que nós, de uma percepção dilatada do tempo. Nos trabalhos, porém, não há essa autenticidade, eles se apropriam dela, tomando para si uma parcela do desejo que ela gera. Esta autenticidade é, portanto, um dos elementos que agregam valor ao signo e a imagem do tapete oriental enquanto objeto de desejo, independentemente dele ser verdadeiramente um objeto antigo, carrega consigo esses signos culturais, ainda que de maneira "impostora".

Andre Barion

São Paulo, 2021